

Gênero e Sexualidade como Categorias Analíticas das Produções Curriculares nas Escolas de Maceió

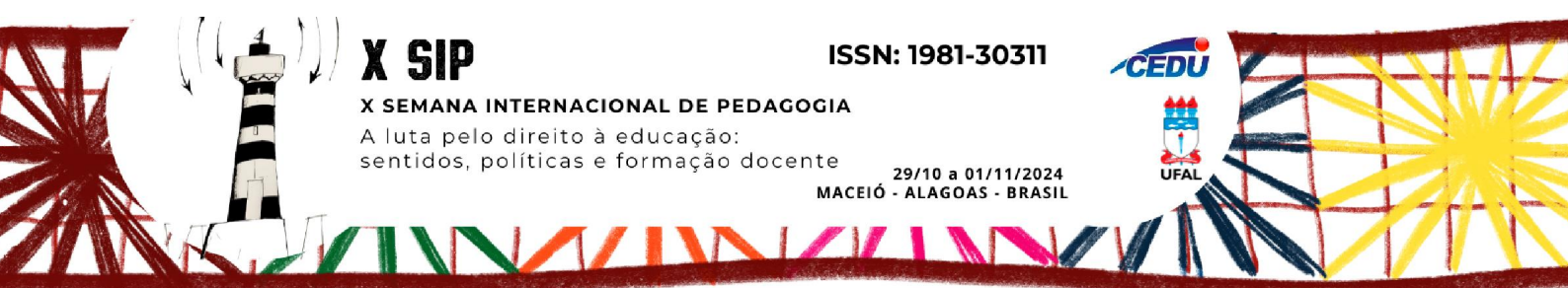
Evelly Maria Santos da Silva
UFAL
Evelly.silva@cedu.ufal.br

Luiza Cristina Silva Silva
UFAL
Luiza.silva@cedu.ufal.br

1 INTRODUÇÃO

O artigo explora de maneira aprofundada a crescente atenção às questões de gênero e sexualidade no contexto escolar, ressaltando como essas temáticas, cada vez mais debatidas na sociedade e no meio acadêmico, ainda enfrentam resistência quando inseridas no ambiente educacional. A partir de um cenário onde as escolas, tradicionalmente, têm evitado discussões abertas sobre esses assuntos, o estudo destaca a relevância de analisar como as expressões de gênero e sexualidade emergem de forma não oficial, através de manifestações espontâneas dos próprios alunos. Essas manifestações, muitas vezes expressas por meio de grafias em paredes, muros e banheiros das escolas, revelam como os estudantes lidam com suas experiências e questionamentos relacionados a gênero, sexualidade e identidade. As grafias, longe de serem meros atos de vandalismo, aparecem como formas simbólicas de resistência às normas sociais impostas, ou, em alguns casos, como reproduções das assimetrias e opressões já enraizadas na sociedade. Ao analisar essas expressões gráficas, o artigo levanta a questão de como a escola, ao silenciar ou evitar abordar essas temáticas de maneira formal, acaba permitindo que elas sejam tratadas de forma marginalizada, perpetuando estigmas e preconceitos.

Assim, o estudo discute a importância de se investigar essas manifestações gráficas não apenas como atos isolados, mas como reflexos das dinâmicas de poder e das



tensões sociais que permeiam o ambiente escolar. As grafias emergem como um Currículo Insurgente, que desafia o currículo formal da escola, trazendo à tona discussões sobre identidade, corpo e sexualidade que são muitas vezes ignoradas ou suprimidas. Dessa forma, o artigo sugere que a análise dessas expressões pode oferecer uma compreensão mais profunda das relações de poder e resistência presentes nas escolas, apontando para a necessidade de uma abordagem educacional mais inclusiva e crítica.

2 OBJETIVOS

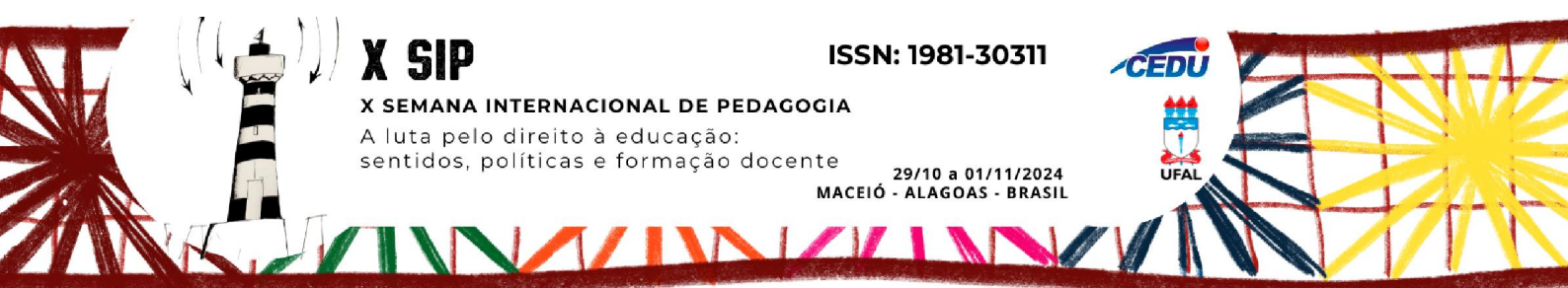
O objetivo do estudo é analisar as grafias escolares que abordam questões de gênero, sexualidade e poder. A pesquisa busca compreender como essas grafias revelam dinâmicas de opressão e resistência, oferecendo uma visão crítica da invisibilidade desses temas no currículo formal.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas situadas em bairros periféricos de Maceió, Alagoas. A metodologia adotada envolveu a coleta de dados por meio de registros fotográficos das grafias encontradas nas paredes, muros e banheiros dessas escolas. O processo de coleta seguiu diretrizes claras para garantir que as grafias fossem capturadas em detalhe, incluindo fotos em close-up e também imagens mais amplas que mostravam o espaço onde as grafias estavam inseridas.

Em ambas as escolas, a gestão se mostrou receptiva ao projeto, o que facilitou o acesso às áreas onde as grafias estavam presentes. Foi concedido tempo para que as fotos fossem tiradas em momentos em que os alunos estavam em sala de aula, o que permitiu uma maior liberdade no registro das imagens. Essa colaboração entre a equipe de pesquisa e a direção escolar foi essencial para o sucesso da coleta de dados, permitindo que as grafias fossem documentadas de forma abrangente e precisa. As escolas estudadas enfrentam, no entanto, grandes desafios sociais, como a violência e a exclusão, o que influencia diretamente o contexto em que essas grafias são produzidas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os resultados da pesquisa revelam que as grafias registradas nas escolas refletem questões profundas relacionadas à opressão de gênero, sexualidade e identidade corporal. A análise dos desenhos e mensagens grafitadas nos muros e banheiros aponta para a presença de um discurso violento, muitas vezes carregado de preconceitos e estigmatização. As figuras apresentadas no artigo demonstram como esses espaços escolares se tornam locais de expressão de conflitos internos e externos dos estudantes, que muitas vezes estão em uma fase de descoberta de sua própria sexualidade e identidade.

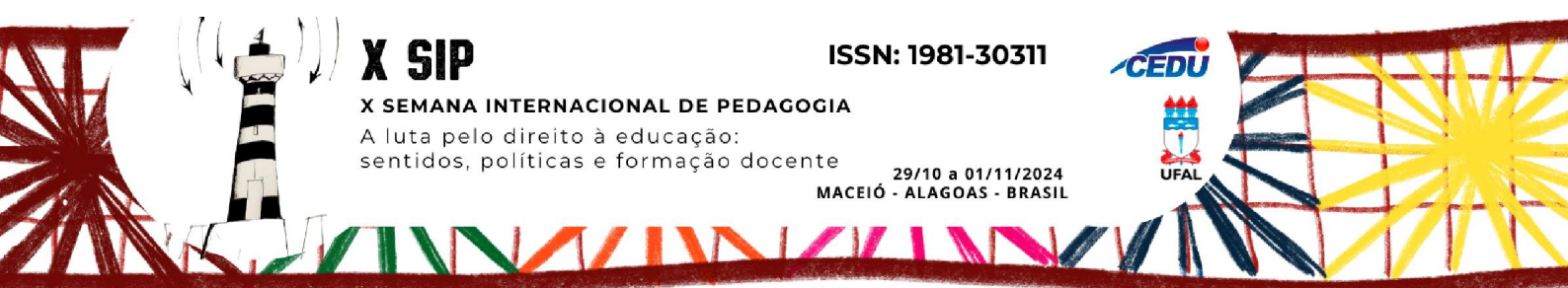
Alguns dos exemplos de grafias incluem desenhos de órgãos sexuais e xingamentos direcionados a colegas de classe, frequentemente associando a identidade feminina e a homossexualidade a termos pejorativos. Essas expressões refletem o machismo e a homofobia presentes na sociedade, que também permeiam o ambiente escolar. O artigo discute como o silenciamento dessas questões no currículo formal contribui para a perpetuação de estereótipos e preconceitos, ao invés de proporcionar um espaço seguro para o debate e a aprendizagem crítica sobre gênero e sexualidade.

Além disso, as grafias analisadas sugerem que os estudantes usam esses meios como uma forma de resistência contra a normatividade imposta pela escola. A ausência de discussões abertas sobre esses temas no ambiente escolar permite que os alunos encontrem outras maneiras de expressar suas dúvidas, frustrações e identidades, mesmo que de forma marginalizada e, muitas vezes, depreciativa. Esse Currículo Insurgente destaca-se como uma manifestação espontânea e subversiva dentro do espaço escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo reflete sobre a importância de se levar em conta essas grafias como parte integrante das dinâmicas sociais e educacionais presentes nas escolas. Ao longo da análise, ficou evidente que essas manifestações gráficas não são meramente atos de vandalismo, mas expressões carregadas de significado sobre gênero, sexualidade e poder. Elas revelam o impacto da invisibilização desses temas no currículo oficial e a necessidade de criar espaços educacionais mais acolhedores e sensíveis às diversidades.

O artigo conclui que o silenciamento das questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar perpetua desigualdades e preconceitos, e que a inclusão dessas temáticas no currículo pode ter um papel transformador, ajudando a reduzir a violência, a discriminação e a marginalização de grupos sociais minoritários. Por fim, a autora reforça a necessidade de práticas pedagógicas que promovam o respeito, a



igualdade e a diversidade, para que a escola cumpra seu papel como um espaço de construção de conhecimento e transformação social.

REFERÊNCIAS

LOURO, Guacira, Gênero, Sexualidade e Educação, Editora Vozes, 2012

SILVA, Luiza; MAKNAMARA, Marlécio. GRAFIAS QUE ROMPEM SILÊNCIOS: CURRÍCULO INSURGENTE NA CRIAÇÃO DE ESPACIALIDADES NA ESCOLA . Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 4, p. 98-117, out./dez., 2021

MENDES, Augusto; RIBEIRO, Luiz. NOMEAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA: UM ENSAIO SOBRE HOMOFOBIA PELA ÓTICA DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Memorare, Tubarão, v. 8, n. 1, jan./jun. 2021

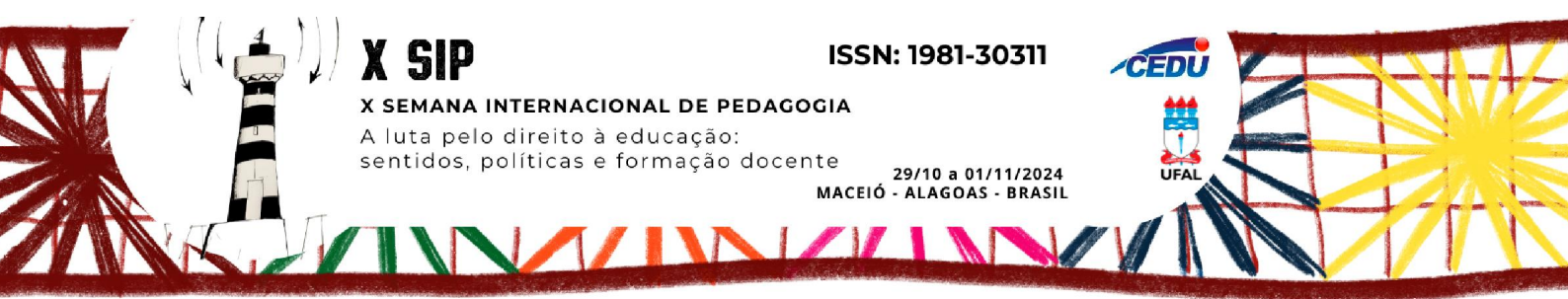
SOUZA, Elaine; SILVA, Joilson; SANTOS, Claudilene. DIVERSIDADE SEXUAL E HOMOFOBIA NA ESCOLA: (DES)CONHECIMENTO E VIVÊNCIAS DE DOCENTES. Revista Educação em Questão, Natal, v. 54, n. 41, p. 111-138, maio/ago. 2016

SILVA, Naanna; RAMALHO, Carla, VIEIRA, José. GÊNERO E AS RELAÇÕES DE OPRESSÃO NO CONTEXTO SOCIAL: UM OLHAR PARA A UNIVERSIDADE. Ver. Inter. Educ. Sup. Campinas, SP v.10 1-15 e024014 2024

MENEZES, Meirielle. A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO NA ESCOLA. Itabaiana: gepiadde, ano 07, volume 13 | jan./jun. de 2013

RAMIRES, Vicentina; SILVA, Lucas; MEDEIROS, Roseana. O DISCURSO RELIGIOSO NO DEBATE SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE. Ver. Cadernos de linguagens e sociedade, 120-141. Julho de 2020

Pesquisa aponta que jovens entram cada vez mais cedo no tráfico de drogas. Rede Brasil Atual, 2018. Disponível em:



<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/pesquisa-aponta-que-jovens-entram-cada-vez-mais-cedo-no-trafico-de-drogas/>

LEMOS, Lis. UFPB registra aumento de pesquisas sobre gênero e sexualidade. UFPB, 2022. Disponível em: <https://www.ufpb.br/comu/contents/noticias/ufpb-registra-aumento-de-pesquisas-sobre-genero-e-sexualidade>

SILVA, L. CURRÍCULO DA NUDEZ: RELAÇÕES DE PODER-SABER NA PRODUÇÃO DE SEXUALIDADE E GÊNERO NAS PRÁTICAS CIBERCULTURAIS DE NUDE SELFIE. Tese (Mestrado em educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, p.83. 2018.

LOURO, G. L. (2000). Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Corpo Estranho. Belo Horizonte: Autêntica.

FRANÇA, Karoline, BRAUNER, Maria. O CORPO FEMININO SOB UMA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA: RUMO À CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS DAS MULHERES NO BRASIL. VI seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. 2018. Disponível em:

<https://7seminario.furg.br/images/arquivo/236.pdf>

GARBARINO, Maria. O TABU DA EDUCAÇÃO SEXUAL: GÊNESE E PERPETUAÇÃO DOS PRECONCEITOS NA INFÂNCIA, cadernos pagu, p. 1-16. 2021.

PUPO, Kátia. Questão de gênero na escola. Brasília, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/20_pupo.pdf.